

PFL tende a apoiar nome extrapartidário

Para a maioria dos parlamentares independentes do PFL, como o deputado alagoano José Thomaz Nonô, o partido, em face das eleições presidenciais, está entre o dilema de identificar-se com o governo do presidente José Sarney — o que, diz ele, significa suicídio político — ou de ceder às pressões das conveniências eleitorais dos correligionários, nos diversos estados, favoráveis ao apoio a candidaturas extrapartidárias.

O próprio Nonô, que percorreu vários estados nordestinos em campanha a favor do nome do senador Marco Maciel nas prévias do PFL, revela que alguns baluartes da candidatura Aureliano Chaves — virtualmente confirmada —, entre os quais o filho do presidente da República, deputado Sarney Filho (PFL-MA), estão dispostos a rever a posição sucessória agora assumida.

Em jornal da família Sarney, no Maranhão — conta Nonô — a manchete do dia da realização das prévias assinalava que os pefelistas maranhenses apoiavam Aureliano. Mas, na segunda linha do título, ressaltava que o partido poderia reformular sua conduta, em matéria de sucessão, nos próximos 60 dias.

“Portanto” — prosseguiu Nonô — “a candidatura Aureliano, identificada com o Palácio do Planalto, tanto que é apoiada pelo líder pefelista José Lourenço — “não passa de título político provisório, a ser resgatado em função dos acontecimentos”.

Collor

Em suas andanças pelo Nordeste, Nonô percebeu que a maior curiosidade dos pefelistas, ao saberem que ele, emissário do partido, era alagoano, tinha por alvo a pessoa do ex-governador de Alagoas, Fernando Collor de Mello, candidato a Presidente da República pelo PRN.

“Procurei mostrar que me parece estarmos caminhando para a república de Weimar (regime republicano instaurado na Alemanha, após a Primeira Guerra Mundial, derrubado por Adolf Hitler). O ex-

governador de Alagoas é um fascista, que está repetindo, sem mudar uma palavra, o mesmo discurso que fez durante a campanha na qual se elegeu no Estado”, disse.

Para Nonô, Collor tem profundo desprezo pelos partidos políticos e apenas deles se serve, a fim de conquistar cargos. Mas o deputado alagoano diz que não tem ilusões quanto à tendência pró-Collor, existente no Nordeste.

“Assim” — frisou — “é possível que, em muitos Estados, os pefelistas que não estão dispostos a apoiar Aureliano, para não se identificarem com o governo Sarney, acabem apoiando Collor ou o candidato do PDT, Leonel Brizola.

Tendência

A opinião de Nonô é partilhada por diversos representantes do PFL, como o deputado Rubem Medina, do Rio, que assegura estar o partido, no Estado, com forte tendência pró-Collor.

“E isso” — acrescenta Nonô — “é compreensível, pois no Rio o principal adversário do partido é o ex-governador Brizola. Daí estarem os pefelistas inclinados a apoiar a candidatura que, no momento, se apresenta mais forte”.

Muitos pefelistas sustentam que o Governo está jogando basicamente com a idéia de lançar a candidatura Jânio Quadros, caso o nome de Aureliano — por suas vinculações profundas com a administração Sarney — não decole.

Essa hipótese encontra amparo na articulação que os ministros do presidente Sarney estão fazendo no PTB, tentando atrair esse partido para a candidatura Jânio. Dirigentes do PFL admitem, contudo, que o próprio Jânio, se também não decolar, não apoiará Aureliano, mas o nome de Fernando Collor. Tal manobra só não será feita, porém, se o governador Orestes Quércia, de São Paulo, de quem Jânio é amigo, interceder para que o ex-presidente se mantenha neutro na disputa sucessória. “O PFL” — concluiu Nonô — “pode acabar até novembro”. (Rubem de Azevedo Lima).